

A transformação antropológica e a educação da fé: a amizade como critério de autenticidade

Anthropological transformation and the education of faith: friendship as a criterion of authenticity

LUÍS M. FIGUEIREDO RODRIGUES*

Resumo: A partir do desafio constatado no *Diretório da Catequese* de 2020, segundo o qual as redes sociais digitais estão a promover uma alteração não só cultural, mas antropológica, este texto discute o modo como a educação da fé pode realizar a sua missão, sem esquecer que a fé é sobretudo uma relação de amizade com Deus. Reconhece-se que graças à plasticidade do cérebro, este deixa-se influenciar e moldar pelos comportamentos e ambientes em que se vive. Com isso, surgem alterações cognitivas que se manifestam nas modificações na perceção, na atenção, na memória e no pensamento. Aliás, o papa Francisco já o tinha denunciado ao dizer que, «não favorecem o desenvolvimento da capacidade de viver com sabedoria, de pensar profundamente, de amar generosamente» (*Laudato Si'*, 47). Para que a educação da fé possa dar uma resposta cabal, importa assumir alguns desafios e recursos da tradição cristã: deixar de se concentrar nas respostas e fixar-se nas perguntas; centrar-se mais nas pessoas que nos conteúdos; e, por fim, privilegiar a narração mais que a explicação das ideias.

Palavras-chave: Redes sociais. Educação da fé. Amizade.

* Luís M. Figueiredo Rodrigues é doutor em Teologia, pela Universidade Católica Portuguesa, com uma tese intitulada *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*. É mestre em Ciências da Educação, com especialidade em Pedagogia do e-Learning, pela Universidade Aberta. Atualmente é Professor Associado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa; Diretor do *Religare* – Instituto de Ciências Religiosas (UCP - FT); Coordenador do Laboratório de Ensino a Distância da Faculdade de Teologia (UCP); Editor Associado da *EPHATA* – Revista Portuguesa de Teologia. Dedicar-se à pesquisa e ensino de disciplinas de Teologia Prática na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. A sua investigação incide sobre o amplo fenómeno da transmissão, a partir do desafio que se coloca às religiões em geral, mas estudado na perspetiva cristã. Outra área de interesse são as implicações culturais e religiosas da cultura digital num mundo cada vez mais globalizado.

Abstract: Starting from the challenge noted in the 2020 Directory for Catechesis, according to which digital social networks are promoting not only a cultural but also an anthropological change, this text discusses how faith education can carry out its mission, without forgetting that faith is above all a relationship of friendship with God.. It is recognized that thanks to the plasticity of the brain, it allows itself to be influenced and shaped by the behavior and environments in which we live. As a result, cognitive changes arise, manifested in changes in perception, attention, memory and thinking. In fact, Pope Francis had already denounced this when he said that, “they do not favor the development of the capacity to live wisely, to think deeply, to love generously” (Laudato Si’, 47). In order for faith education to be able to provide an adequate response, it is important to take on some of the challenges and resources of the Christian tradition: stop focusing on answers and focus on questions; focus on the person rather than the content; and, finally, focus on narrating rather than explication of ideas.

Keywords: Social networks. Faith education. Friendship.

A publicação do terceiro *Diretório para a Catequese*¹, em 2020, foi motivado sobretudo pela necessidade de considerar o processo de inculturação do Evangelho². E dentro deste processo, o fenômeno do *digital* pede uma atenção «que se impõe como global e que obriga aqueles que têm responsabilidade a não poderem voltar as costas a tal desafio»³. A cultura digital leva a uma nova construção da identidade pessoal e a transformações antropológicas importantes⁴. A amizade, como uma das expressões mais autênticas do amor cristão, também se pode ver afetada por estes ambientes.

Antes de explanarmos o nosso argumento, é preciso explicitar que falar de cultura é considerá-la como o conjunto de atividades e realizações através das quais o ser humano aperfeiçoa e desenvolve as suas diversas qualidades

¹ Cf. PONTIFICIO CONSIGLIO PROMOZIONE NUOVA EVANGELIZZAZIONE, *Direttorio per la Catechesi*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Os anteriores tinham sido publicados em 1971 e 1997.

² Cf. FISICHELLA, Rino; PONTIFICIO CONSIGLIO PER LA PROMOZIONE DELLA NUOVA EVANGELIZZAZIONE, Guida alla lettura, in: *Direttorio per la Catechesi*, Milano: San Paolo, 2020, p. 7-8.

³ *Ibid.*, p. 7.

⁴ Cf. PONTIFICIO CONSIGLIO PROMOZIONE NUOVA EVANGELIZZAZIONE, *Direttorio per la Catechesi*, par. 362.

espirituais e corporais. Um dos aspetos essenciais da cultura é a sua capacidade de exprimir, comunicar e preservar ao longo do tempo as grandes experiências espirituais e as aspirações humanas, em benefício não só dos indivíduos, mas da humanidade no seu conjunto⁵. Os meios tecnológicos, esses, através dos quais os indivíduos se relacionam entre si e com os quais procuram «dominar a terra» (cf. Gn 1, 28) condicionam o tipo de cultura que criam. Os mais recentes desenvolvimentos tecnológicos permitiram o fenómeno da digitalização, que mais não é do que a migração de inúmeras tarefas e dimensões da vida humana para plataformas digitais.

Verifica-se que o “fenômeno digital” se está a impor como uma nova cultura, alterando linguagens, moldando mentalidades e reformulando hierarquias de valores⁶. Se, por um lado, oferece grandes oportunidades para o desenvolvimento do conhecimento humano, auxilia a tomada de decisões e facilita, pelo menos em certa maneira, a comunicação entre os seres humanos. Por outro lado, também favorece uma grande solidão, manipulação e violência⁷.

No entanto, o maior desafio é a transformação antropológica que esta cultura digital traz consigo⁸ e que se manifesta nas preferências e comportamentos das novas gerações, que tendem a privilegiar a imagem em detrimento da audição, são influenciadas pelo consumo das mídias e desenvolvem uma nova linguagem, com formas de pensar baseadas no *multitarefa*, na *hipertextualidade* e na *interatividade*. No entanto, esta mudança na linguagem e na forma de compreender e comunicar pode ter consequências negativas, como a redução do desenvolvimento crítico, a polarização do confronto sobre questões complexas sem argumentação adequada e a relegação das questões políticas e éticas para a esfera pessoal e privada. A transformação antropológica em curso está, portanto, relacionada com a forma como a digitalização da comunicação e da sociedade está a moldar as mentalidades, os comportamentos e as interações humanas, especialmente entre os denominados nativos digitais.

O objetivo deste texto é procurar discutir o modo como a utilização massiva dos recursos digitais está a influenciar o ser humano, mesmo a nível

⁵ Cf. SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis *Gaudium et Spes*, *Acta Apostolicae Sedis*, v. 58, n. 15, p. 1025–1120, 1966, parag. 53.

⁶ Cf. PONTIFICIO CONSIGLIO PROMOZIONE NUOVA EVANGELIZZAZIONE, *Direttorio per la Catechesi*, parag. 359.

⁷ Cf. FRANCISCO, Adhortatio Apostolicae Postsynodalis *Christus vivit*, *Acta Apostolicae Sedis*, v. 111, n. 4, p. 391–476, 2019, parag. 88.

⁸ Cf. PONTIFICIO CONSIGLIO PROMOZIONE NUOVA EVANGELIZZAZIONE, *Direttorio per la Catechesi*, parag. 362–364.

somático, procurando fazer alguma luz sobre as transformações que estão a ocorrer, de modo que o ato de pensar, implementar e avaliar processos de educação da fé possa considerar, efetivamente, as transformações antropológicas que estão a acontecer.

1 A Igreja e os mídia digitais

A importância da comunicação para a vida da Igreja há muito que é reconhecida e considerada. Exemplo disso é, entre outras, a criação da *Pontifícia Comissão para a Cinematografia Didática e Religiosa*, em 1948, pelo Papa Pio XII. No contexto do Vaticano II, Paulo VI cria o *Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais*, que depois dá lugar ao que hoje é o *Dicastério para a Comunicação*, denominação que assume na nova reforma da Cúria Romana, realizada pelo Papa Francisco, em 19 de março de 2022⁹.

Mas se tivéssemos de definir um ano que fosse de referência, esse seria o de 2002¹⁰. A Mensagem do Papa para o Dia dos Meios de Comunicação Social intitulou-se *Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho*¹¹. Aí são lançados os seguintes desafios, que ainda continuam atuais:

- Como havemos de cultivar a sabedoria que deriva não só da informação, mas da introspecção, a sabedoria que compreende a diferença entre o que é correto e o que é errado, e sustenta a escala de valores que provém desta diferença?

- Como é que a Igreja orienta a partir do tipo de contato que se tornou possível pela internet, para uma comunicação mais profunda, exigida pela proclamação do Evangelho?

- Como edificamos sobre os primeiros contatos e permuta de informações, que a internet tornou possíveis?

- Como podemos garantir que a revolução da informação e das comunicações, que tem na internet o seu primeiro motor, atuará em benefício da globalização do desenvolvimento e da solidariedade humana, objetivos que estão estreitamente ligados à missão evangelizadora da Igreja?

- A internet pode favorecer a cultura do diálogo, da participação, da solidariedade e da reconciliação, sem a qual a paz não consegue florescer?

⁹ Cf. WYROSTKIEWICZ, Michal *et al*, The Catholic Church in the Digital Age: Theory – Practice – Perspectives, *Journal for the Study of Religions and Ideologies*, v. 23, n. 67, p. 44–58, 2024.

¹⁰ Cf. RODRIGUES, Luís M. Figueiredo, Evangelização e novas tecnologias, *Theologica*, v. 46, n. 2, p. 289–328, 2011.

¹¹ Cf. JOÃO PAULO II, XXXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2002 – “Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho”, *L’Osservatore Romano*, 26 de janeiro de 2002. p. 43, 2002.

- Desta galáxia de imagens e sons, emergirá o rosto de Cristo e ouvir-se-á a sua voz?

No mesmo dia 2 de fevereiro de 2002, o então Pontifício Conselho para a Comunicação Social publica dois documentos de relevo: a *Ética na Internet*¹² e *Igreja e Internet*¹³.

No primeiro documento, afirma-se que a Igreja católica, tal como todas as outras confissões religiosas, deve estar presente, de forma ativa, na internet e dar o seu contributo «no diálogo público sobre o seu desenvolvimento»¹⁴. Há a consciência de que a Igreja não pretende ditar as decisões e escolhas, isso cabe a cada pessoa, mas procura ajudar através da oferta de critérios éticos, que se radicam não apenas nos valores estritamente cristãos, mas também nos valores humanos em geral. Afirma-se que a internet pode oferecer um contributo valioso para a humanidade, promovendo a prosperidade, a paz, o conhecimento e o diálogo entre todos os povos. Neste sentido, a Igreja pretende ter uma presença dialogante, procurando ajudar cada pessoa, que se interroga pelo sentido da sua vida, a responder às interrogações fundamentais do ser humano.

Por seu turno, no documento *Igreja e Internet*¹⁵ reflete sobre o papel e o lugar que a internet desempenha na missão da Igreja, para se afirmar que todos os atos comunicativos da Igreja estão ao serviço do anúncio da Boa Nova. Este deverá ser sempre o tema central, que se desdobra, depois, na palavra profética e libertadora, dirigida a cada pessoa; «é o testemunho prestado, face a uma secularização radical, à verdade divina e ao destino transcendente da pessoa humana; é, perante os conflitos e as divisões, a tomada de posição pela justiça, em solidariedade com os crentes, ao serviço da comunhão entre os povos, as nações e as culturas»¹⁶. Este anúncio precisa de ser precedido, por parte da Igreja, por uma aturada pesquisa compreensiva do fenómeno da internet: a Igreja precisa de compreender a internet, para poder comunicar eficazmente com os indivíduos e as culturas que se encontram imersas e emergem do uso das novas tecnologias.

Para além da comunicação institucional e da comunicação dentro da comunidade dos crentes, outro dos campos onde a internet é vista com particular interesse pela Igreja é no campo a formação e do ensino. E olha-a em duas

¹²Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Ética na Internet*, *L'Osservatore Romano*, 23 de março de 2002. p. 138-140, 2002.

¹³ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Igreja e Internet*, *L'Osservatore Romano*, 16 de março de 2002. p. 126-128, 2002.

¹⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Ética na Internet*, parág. 18.

¹⁵ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Igreja e Internet*.

¹⁶ *Ibid.*, parág. 5.

perspectivas: na aprendizagem de como usar bem estes recursos digitais e no potencial que estes recursos têm para a formação dos cristãos. Quanto à formação para o uso destes recursos, exorta-se não só a que se adquira competências para estar com sabedoria neste mundo informático, mas também que a formação dos diversos agentes de pastoral contemple o treinamento para a sua utilização¹⁷. Como recurso para a formação, exorta-se a que se ofereçam recursos para a formação permanente, quer em grupo, quer para a aprendizagem individual¹⁸. Destaca-se que a internet é multimídia, utiliza a *linguagem total*, criando um *novo mundo*.

Em 2005 publica-se a Carta Apostólica *Rápido Desenvolvimento*¹⁹, onde se pode encontrar a síntese autorizada do Papa João Paulo II sobre tudo o que a Igreja tinha se pronunciado sobre a sua relação com a internet. Aí se afirma que o pleno encontro com Cristo nunca pode acontecer apenas pela mediação digital. É preciso o encontro presencial com a Igreja, que está sacramentalmente na comunidade cristã, sobretudo na celebração da Eucaristia. E lança três desafios: formação, participação e diálogo²⁰.

No que toca à *formação*, exorta-se a que se ofereça uma vasta oferta formativa, para que o mundo dos média seja conhecido e retamente valorizado, introduzindo as novas linguagens por ela introduzidas, que modificam os processos de aprendizagem e a qualidade das relações humanas, razão pela qual sem uma adequada formação se corre o risco que ela, em vez de estar ao serviço das pessoas, as instrumentalize e condicione com grande incisividade. Esta formação, embora deva ser dirigida a todas as pessoas, deverá incidir mais na população juvenil, que tem uma tendência natural para as inovações tecnológicas. A *participação* de todos deve ser corresponsável, apelando-se mesmo a que haja disposições legislativas que favoreçam o crescimento de uma cultura de corresponsabilidade. Por fim, o *diálogo* que os média permitem e possibilitam deve ser sempre usado ao serviço da paz e do diálogo, bom como do conhecimento recíproco dos vários povos, e nunca como meio para instar à guerra e à violência.

Esta poderá ser uma excelente síntese de tudo aquilo que se pode considerar a posição da Igreja, naquela altura:

¹⁷ Cf. ANDOK, Mónika, Religious Filter Bubbles on Digital Public Sphere, *Religions*, v. 14, n. 11, p. 1359, 2023.

¹⁸ Cf. RODRIGUES, Luís M. Figueiredo, *O digital no serviço da fé: Formar para uma oportunidade*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016.

¹⁹ Cf. IOANNES PAULUS II, Il rapido sviluppo, *Acts Apostolica Sedis*, v. 97, n. 3, p. 266–274, 2005.

²⁰ *Ibid.*, par. 11.

«Numa visão orgânica e correta do desenvolvimento do ser humano, os mídia podem e devem promover a justiça e a solidariedade, comunicando cuidadosa e verdadeiramente os acontecimentos, analisando de maneira completa as situações e os problemas, dando voz às diversas opiniões. Os critérios supremos da verdade e da justiça, na prática madura da liberdade e da responsabilidade, constituem o horizonte em cujo âmbito se situa uma autêntica deontologia na fruição dos modernos e poderosos meios de comunicação»²¹

Por fim, a 28 de maio de 2023, o Dicastério para a Comunicação publica o documento *Rumo à presença plena: Uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*²². Aí é reconhecida a necessidade de uma presença autêntica e afetuosa nas redes sociais, reconhecendo o seu potencial para a evangelização e o encontro humano. Reconhece-se que o digital oferece novas formas de interação humana, sobretudo nas redes sociais digitais. Por isso a questão deixa de ser se os cristãos devem estar ou não nas redes sociais digitais, mas sim como fazê-lo com autenticidade e amor ao próximo.

Destaca-se a importância de reconhecer nos outros pessoas concretas que merecem a disposição para serem escutadas, compreendendo que seus sofrimentos nos dizem respeito²³. O objetivo não é só construir conexões, mas encontros que se tornem relacionamentos reais, fortalecendo as comunidades locais, embora numa dinâmica de vida *onlife*, deixando para trás a velha dicotomia entre *offline* e *online*. Aliás, esta evolução reconhece que se realiza uma transformação antropológica, promovida pelas novas formas de comunicação, de se estar conectado²⁴. Surge, assim, um significativo desafio cognitivo na cultura digital, que manifesta na perda de capacidade de pensar profunda e objetivamente.

2 Transformação antropológica

É bem conhecida a tese de Marshal McLuhan, segundo a qual “o meio é a mensagem”. De acordo com o seu determinismo tecnológico, e porque o meio

²¹ *Ibid.*, parag. 3.

²² Cf. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, *Rumo à presença plena: Uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*, Vatican.va, disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html>. acesso em: 30 maio 2023.

²³ Cf. AMORIM CAMINADA, Thiago, Reflexão pastoral sobre as redes sociais digitais e a centralidade da Cultura do Encontro para o Magistério do Papa Francisco, *Teocomunicação*, v. 53, n. 1, p. e44955, 2023.

²⁴ Cf. FLORIDI, Luciano (Org.), *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*, 1st ed. 2015. Cham: Springer International Publishing, 2015.

condiciona e de certa maneira faz a mensagem, a evolução cultural é orientada de acordo com os meios tecnológicos que se usa para comunicar. O mesmo é dizer que os meios empregados “fazem” a cultura²⁵. Mas se é assim para a cultura, não o é menos para cada ser humano: os meios digitais afetam o modo de conhecer e compreender. Produz-se mais uma mutação no modo humano de pensar. Esta realidade não é nova, já foi assim, por exemplo, quando da invenção da escrita²⁶. Com o uso generalizado da escrita houve uma libertação da memória humana, porque a escrita permitiu que as informações fossem registradas e armazenadas externamente, liberando a memória humana para outras tarefas. Produziu também um claro aumento na capacidade de abstração e de pensamento simbólico, graças ao treino da habilidade de representar palavras e ideias através de símbolos escritos. Há, também, duas outras implicações muito evidentes: o desenvolvimento da linguagem, com uma conseqüente maior complexidade e diversidade linguística; e o pensamento linear, porque a leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo influenciou o desenvolvimento do pensamento sequencial e lógico.

A transformação antropológica que os meios digitais estão a provocar no ser humano já está a ser amplamente estudada por diversas ciências, inclusive no campo teológico²⁷. Aqui, vamos apenas procurar conhecer brevemente o que as ciências cognitivas e do comportamento têm a dizer a este respeito.

Já se abandonou a convicção de que o cérebro é um órgão que se desenvolvia até chegar à idade adulta e, chegados aí, inexoravelmente se ia degenerando paulatinamente. O desafio era o de perceber como se poderia atrasar esse processo. Graças ao desenvolvimento das ciências, hoje, sabe-se que não é bem assim. O cérebro caracteriza-se pela sua neuroplasticidade, que lhe permite reaprender, reorganizar-se e desenvolver-se durante toda a vida do indivíduo. Muitas das vezes para corrigir ou superar lesões provocadas por acidentes. Por outro lado, o meio onde o indivíduo está inserido e as atividades que realiza acabam por ser os grandes condicionantes destas transformações

²⁵ Cf. MCLUHAN, Marshall, *The medium is the message: An inventory of effects*, Berkeley, CA: Gingko Press, 2001.

²⁶ Cf. PAULUK, Marcel, Um novo olhar sobre a escrita: a contribuição das ciências cognitivas e da semiótica para o desenvolvimento de uma ciência da escrita, *Ciência & Cognição*, v. 2, p. 2–20; ; MINEIRO, Ana, Visitando a linguagem enquanto capacidade cognitiva inscrita na evolução do Homem, *Cadernos de Saúde*, v. 9, p. 5–14, 2017.

²⁷ Cf. REAL ÁLVAREZ, Francisco Javier, *Redes sociales y experiencia relacional: Una propuesta de cibernmoral basada en la comunión*, Città del Vaticano: Lateran University Press; Editiones Academiae Alfonsianae, 2022, p. 127–187; PREDOTI, Rocco, *Identità dell'uomo digitale: Antropologia del linguaggio digitale e implicazioni catechetiche*, Assisi: Citadella Editrice, 2022.

neurônios²⁸. Olhando agora para o âmbito específico das mídias sociais digitais, também já há estudos que ajudam a compreender os seus efeitos neurônios²⁹. Sabe-se que o uso repetido e excessivo das redes sociais pode desenvolver uma dependência neurológica, graças ao poder de excitação do neurotransmissor dopamina, que proporciona uma intensa sensação de prazer, recompensa e satisfação. Na medida em que a dopamina suscita um impulso nervoso nas sinapses do cérebro, transforma alguns comportamentos realizados nos suportes digitais ligados em rede em autênticas dependências patológicas³⁰.

Olhando com mais atenção para a neuroplasticidade³¹, percebe-se que é uma característica que manifesta a capacidade que o sistema nervoso tem de realizar mutações, graças a atividades repetidas, realizadas sucessivamente. Tem como resultado que o sistema nervoso possa adaptar-se, mudar, reorganizando-se de um modo novo, graças à adaptação a novas situações de aprendizagem, de mutação social e incremento de novas tecnologias. O sistema neuronal muda, então, como resposta a novos ambientes, a novas informações, às estimulações sensoriais e, inclusive, ao dano cerebral.

Uma das correntes mais influentes nesta área é a *conexionista*, criada por Donald Olding Hebb³². Este psicólogo canadiano foi muito influente no domínio da neuropsicologia. Procurou compreender de que forma o funcionamento dos neurônios contribuía para processos psicológicos como a memória e a aprendizagem. Aquele autor foi pioneiro na demonstração de que a rede neuronal não depende só da genética. São também fatores importantes a ter em consideração a experiência do indivíduo e os seus comportamentos, pelo que certas atividades têm a capacidade de provocar alterações neurônios importantes. Mais do que uma simples flexibilidade reversível, convém ter presente que é uma alteração, porque mesmo que se pretenda que o cérebro volte ao seu estado anterior, ele pode voltar, mas estará sempre *alterado*.

²⁸ Cf. CARR, Nicholas G., *The Big Switch: Rewiring the World, from Edison to Google*, New York; London: Norton & Company, 2008; CARR, Nicholas G., *The shallows: What the Internet is doing to our brains*, New York; London: Norton & Company, 2010.

²⁹ Cf. MESHI, Dar; TAMIR, Diana I.; HEEKEREN, Hauke R., The Emerging Neuroscience of Social Media, *Trends in Cognitive Sciences*, v. 19, n. 12, p. 771–782, 2015.

³⁰ Cf. SHARMA, Meghna; SINGH, Bijender, Human Behaviour in Digital Bubble: Relationship between Mobile Phone Dependency and Disruptive Behaviour among Teens., *Indian Journal of Health & Wellbeing*, v. 14, n. 2, p. 248–251, 2023.

³¹ Cf. INNOCENTI, Giorgio M., Defining neuroplasticity, in: QUARTARONE, Angelo; GHILARDI, Maria Felice; BOLLER, François (Orgs.), *Handbook of Clinical Neurology*, Cambridge: Elsevier, 2022, v. 184, p. 3–18.

³² Cf. HEBB, Donald O., *The organization of behavior: a neuropsychological theory*, New York: Routledge, 2012.

A neuroplasticidade ajuda a compreender a enorme influência que os dispositivos digitais têm na mente humana, acabando mesmo por transformar a mente dos seus utilizadores. De acordo com Nicholas Carr, a «atual explosão da tecnologia digital não está apenas a mudar o modo como vivemos e comunicamos, mas está alterando o cérebro, de forma rápida e profunda»³³. Não se ignora que a Internet que pode trazer alguns benefícios, tanto a nível físico, como neurológico e cognitivo, oferecendo um enorme fluxo de informação, descentralização, livre circulação, melhor coordenação psicomotora, respostas reflexas mais rápidas, memória de curto prazo alargada. A Internet é essa tecnologia intelectual capaz de aumentar a capacidade de pesquisar, classificar, formular ideias, partilhar conhecimentos e expandir a memória humana³⁴.

Mas a principal transformação, essa sim com um forte impacto antropológico, é que a Internet propicia uma mente mais superficial, que privilegia a extensão em detrimento da profundidade³⁵. Esta alteração mais não é do que uma resposta à sobrecarga de informação que impossibilita a sua apropriação cognitiva cabal. Outro dos fatores que propicia o pensamento mais superficial é a leitura hipertextual. Ao abandonar a leitura linear e passar a ler através das diferentes hiperligações textuais, a internet favorece mais a distração e o esquecimento, privilegiando a velocidade à profundidade reflexiva. A Internet oferece muitas possibilidades, é inegável, mas também tem as suas limitações, e a maior é a de que quanto maior for o seu uso mais a mente humana se molda ao modo de ser das redes digitais. A Internet faz a mente humana! Mais, a virtualização submete a narrativa clássica a uma dura prova: unidade de tempo sem unidade de lugar e a continuidade da ação apesar da ação descontínua³⁶.

Para se perceber melhor as influências que as redes digitais imprimem no modo humano de conhecer, Thomas D. Parson³⁷ defende que o uso da Internet, sobretudo através das tecnologias móveis, influencia a atividade

³³ CARR, *The shallows*, p. 79.

³⁴ Cf. REAL ÁLVAREZ, *Redes sociales y experiencia relacional*, p. 152–154.

³⁵ Cf. DEBRAY, Régis, *L'enseignement du fait religieux dans l'école laïque - Ministère de l'Éducation nationale*, disponível em: <<http://www.education.gouv.fr/cid2025/l-enseignement-du-fait-religieux-dans-l-ecole-laique.html>>. acesso em: 27 abr. 2011, (Citation Key: Debray), p. 7.

³⁶ Cf. LÉVY, Pierre, *¿Qué es lo virtual?*, Barcelona: Paidós, 1998, p. 14–16.

³⁷ Cf. PARSONS, Thomas D., *Clinical Neuropsychology and Technology: What's New and How We Can Use It*, Cham: Springer International Publishing, 2016; PARSONS, Thomas D., *Cyberpsychology and the Brain: The Interaction of Neuroscience and Affective Computing*, Cambridge: Cambridge University Press, 2017; PARSONS, Thomas D.; LIN, Lin; COCKERHAM, Deborah (Orgs.), *Mind, Brain and Technology: Learning in the Age of Emerging Technologies*, Cham: Springer International Publishing, 2019.

neuronal dos indivíduos; produz alterações no modo de recordar a informação e de entender o sistema cognitivo humano. Por seu turno, o psiquiatra Federico Tonioni, na sua obra *Psicopatologia web-mediada* sistematiza muito bem³⁸ as alterações cognitivas que as redes sociais digitais imprimem no quotidiano dos indivíduos³⁹.

A *perceção* é o processo mental pelo qual se reconhece a natureza de um objeto. A Internet produz uma enorme tempestade sensorial, capaz de saturar a atenção humana, excluindo outros tipos de estímulos externos ou internos e influenciando o córtex visual, auditivo e somatossensorial, o que leva à sobre-estimulação neurológica dos sentidos da visão e da audição e à exclusão do olfato, do paladar e do tato.

Por sua vez, a *atenção*, que é capacidade de se concentrar em conteúdos subjetivos e objetivos específicos em relação ao próprio estado de consciência, também é alterada. As redes sociais digitais, com a sua sobrestimulação sensorial e aceleração, tornam-se um instrumento de distração e de falta de concentração. O *multitarefa*, que responderia à capacidade humana de se concentrar em várias tarefas ao mesmo tempo, acaba por se tornar, paradoxalmente, mais limitada e quase impossível, uma vez que a Internet desconcentra realmente, impedindo a pessoa de se concentrar numa tarefa e dificultando a aprendizagem e a compreensão.

A *memória*, como mecanismo que permite fixar, conservar e recordar experiências e informações derivadas do pensamento ou da emoção, tem no digital um perigo real de redução das suas capacidades, devido à tendência de armazenar toda a informação na “nuvem”, sabendo que ela está lá, para quando fizer falta. Mas a memória biológica não é apenas um processo de acumulação de dados, mas desempenha também um papel ativo na construção de esquemas conceituais que permitem à consciência e ao pensamento humanos aprofundar no conhecimento. A rede, com a sua capacidade de distração, dificulta a memória de trabalho, impedindo a formação de memórias, a sua consolidação e o desenvolvimento de novos esquemas mentais.

Por fim, o *pensamento*, como a atividade operativa da psique, que permite avaliar a realidade e formular juízos, tem na Internet um fator de interrupção, dispersão e circularidade. Ao contrário do anterior pensamento linear, que relacionava as ideias individuais entre si através de processos lógicos, impôs-se um perfil cognitivo baseado num tipo de pensamento que passa rapidamente de

³⁸ Cf. TONIONI, Federico, *Psicopatologia web-mediata*, Milano: Springer, 2013, p. 141–166.

³⁹ Cf. REAL ÁLVAREZ, *Redes sociales y experiencia relacional*, p. 157–158.

um texto para outro, construindo ligações aleatórias em movimento contínuo. A atenção contínua exigida pelas redes sociais digitais também diminui o pensamento consciente e deixa pouco espaço para a capacidade imaginativa.

3 Resposta eclesial

Não se ignora de que a abordagem que muitas vezes se faz da cultura digital é ainda, em certa medida, portadora da expectativa ingênua que alimentou os primeiros passos da Internet: a esperança de que o mundo digital fosse um espaço feliz de entendimento comum, informação livre e colaboração. No entanto, e como recorda o Papa Francisco, a realidade mostra que as dinâmicas exacerbadas da cultura digital, sobretudo nas redes sociais digitais, «não favorecem o desenvolvimento da capacidade de viver com sabedoria, de pensar profundamente, de amar generosamente»⁴⁰. Ao contrário da acumulação de informação, a verdadeira sabedoria não é o resultado de uma mera acumulação de dados que acaba por saturar. É antes o resultado da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas. Para isso, não bastam as ligações virtuais, que muitas vezes não passam de uma soma de emoções artificiais que têm mais a ver com aparelhos e ecrãs do que com pessoas e natureza. Geram-se relações artificiais, que por vezes «impedem de entrar em contato direto com a angústia, com o tremor, com a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal»⁴¹.

A cultura digital está a tornar-se, se não se tornou já, o contexto existencial dominante. É importante assumir que este ambiente cultural próprio com novas formas de pensar e novos territórios, com consequentes implicações educativas e relacionais e formas de estimular a inteligência⁴². O conhecimento e as relações já não são procurados como se procura um norte ou um objeto, com uma bússola ou um radar, mas deixam-se encontrar⁴³. Estão lá, disponíveis, para quem os quiser procurar. Os motores de busca, perante uma simples pergunta, devolvem uma lista muito longa de informações, que não são mais do que sugestões indexadas de acordo com os termos introduzidos. A esta “memorização” pela máquina junta-se o histórico de pesquisas de cada indivíduo, o que faz com que a máquina devolva as respostas que, de acordo com os algoritmos adotados,

⁴⁰ FRANCISCUS, *Litterae Encyclicae Laudato Si'*, *Acta Apostolicae Sedis*, v. 107, n. 9, p. 847-945, 2015, parag. 47.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² Cf. PONTIFICIO CONSIGLIO PROMOZIONE NUOVA EVANGELIZZAZIONE, *Direttorio per la Catechesi*, parag. 46.

⁴³ Cf. SPADARO, Antonio, *WEB 2.0. Redes Sociais*, São Paulo: Paulinas, 2013.

considera mais adequadas. Este fenômeno constitui um desafio por duas razões: em primeiro lugar, porque é necessário considerar que existem realidades que escapam à lógica dos programas de pesquisa; em segundo lugar, é necessário ajudar os cibernautas a identificar as respostas que dão verdadeiramente sentido à existência humana no seu conjunto. Estes desafios mostram a necessidade de uma espiritualidade capaz de dar unidade à fragmentação das mensagens⁴⁴.

Recordando que a educação da fé busca, precisamente, suscitar, desenvolver e alimentar a vida teologal – porque a fé é essencialmente uma relação de amizade com Deus⁴⁵ – percebe-se que o seu foco seja o processo de transmissão, e este é o na medida em que supera o tempo e o espaço⁴⁶, o que evidencia a importância e o significado da tradição que, de si, inclui algo próximo à educação. Se à catequese importassem apenas os conhecimentos (*fides quae*), a cultura digital vista como mera substituição de suporte, não só não ofereceria dificuldade como traria grandes vantagens; mas importa também a adesão vital (*fides qua*), sem a qual não é possível a experiência de fé no Deus de Jesus Cristo.

Para a educação e transmissão da fé não basta, então, dizer; é preciso suscitar a fé, promovendo o diálogo através de uma proposta significativa para cada indivíduo. A fé cristã, ao ser sobretudo uma experiência de relação, não pode ser vertida, sem mais, para um suporte digital, sob qualquer formato, porque não obterá o resultado esperado: a transmissão. As redes sociais digitais podem ter, antes, a capacidade de serem um promotor, porque, numa cultura digitalizada, pode potenciar os processos de transmissão, ao ser o meio dominante. Eis alguns desafios⁴⁷:

O primeiro, a educação da fé, ao deslocar a sua preocupação das respostas para as perguntas, assume o facto de que hoje não é difícil encontrar uma mensagem que faça sentido; a dificuldade reside, antes, em decodificá-la, reconhecê-la como importante e significativa, no meio das inúmeras ofertas

⁴⁴ Cf. PREDOTI, Rocco, L'universo dell'umano digitale. Annuncio apofatico ed epifania del kerygma, *Ephata*, v. 5, n. 1, p. 51–74, 2023.

⁴⁵ Cf. FRANCISCUS, Litterae Encyclicae *Lumen Fidei*, *Acta Apostolicae Sedis*, v. 105, p. 1019–1137, 2013, par. 8; SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Contitutio Dogmatica de Divina Relelatione *Dei Verbum*, *Acta Apostolicae Sedis*, v. 58, p. 817–836, 1966, par. 2.

⁴⁶ Cf. RODRIGUES, *O digital no serviço da fé: Formar para uma oportunidade*, p. 114–146.

⁴⁷ Cf. RODRIGUES, Luís M. Figueiredo; COSTA, Manuel Queirós da; GONÇALVES, Vasco António da Cruz, Do Digital ao Litúrgico, para tocar o Mistério, in: PINTO, Santiago Aránguiz (Org.), *Encuentro Iberoamericano de Catequetas 2020*, Providencia: Ediciones Universidad Finis Terrae, 2020, p. 142–150.

disponíveis e no contexto de uma identidade crente. Ao esforço de dar respostas, em ter uma resposta, que surgirá sempre como mais uma no meio de tantas, corresponde a apresentação do Evangelho não como o que contém todas as respostas, mas como o que contém todas as perguntas juntas, as que valem a pena ser respondidas. Este dado postula um esforço catequético que não se centre apenas na oferta de conteúdos, mas na liberdade de procurar, de forma crítica, os conteúdos que oferecem sentido.

O *segundo* desafio depreende-se do anterior: uma educação que se centre nas pessoas e não nos conteúdos. Já não há uma oferta programada para todos em simultâneo, antes buscas que implicam seleções e interações. E a busca espiritual, também ela, participa desta lógica, pelo que o programa é elaborado à medida de cada um, a partir dos conteúdos disponíveis na Internet. E é aqui que ganham redobrada importância os “amigos” e os “seguidores” das redes sociais, uma vez que estes serão tanto mais eficazes quanto forem capazes de ser significativos para a rede de cada pessoa⁴⁸. A centralidade das pessoas e não dos conteúdos leva a assumir uma presença eclesial cada vez mais comunicativa e participativa, que favorece a narração testemunhal da experiência crente, com a qual é possível identificar-se. E este testemunho permite fazer emergir a relação entre indivíduos, o que implica a partilha de redes de relações.

O *terceiro* desafio o centrar-se na narração e não nas ideias, é a consequência natural das relações interpessoais, porque aqui o que se realiza é o dizer dizendo-se, na proximidade do encontro de uma vida partilhada. A cultura digital oferece uma oportunidade fantástica para dar visibilidade e tornar significativas as experiências vividas, graças à facilidade com que se podem narrar e partilhar. As novas formas de narrar e escutar implicam uma ecologia educativa digital acolhedora, capaz de amparar as perguntas que na Web se podem fazer e que não encontram lugar noutros âmbitos, sem esquecer que as novas paisagens midiáticas permitem integrar a continuidade bidirecional entre o virtual e o presencial⁴⁹. E aqui, uma vez mais, a liturgia ocupa um lugar de destaque para uma cultura que tem toda a informação diante de si, num presente absoluto. A recuperação da diacronia, onde se evidencia que a fé professada tem consequências na vida pessoal e comunitária, atualizando-se ao longo do tempo. A comunidade funciona como lugar da memória. E é por isso que se alcança uma certa aquisição sapiencial do conhecimento, através de ações permitem adquirir sabedoria, relacionando-se com a diacronia e explorando grandes questões. A experiência celebrativa da identidade cristã é crucial.

⁴⁸ Cf. SIEMENS, George, *Knowing knowledge*, Winnipeg, Manitoba: G. Siemens, 2006.

⁴⁹ Cf. RODRIGUES, Luís M. Figueiredo, A educação cristã na Web. Uma reflexão teológico-prática, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 76, n. 304, p. 875–889, 2018.

Conclusão: passar do *clique* ao *toque*

Chegado aqui, podemos concluir o que as «plataformas das redes sociais descrevem como “amizade” começa simplesmente como uma conexão ou um conhecimento»⁵⁰, pelo que o grande desafio é passar do *like* para o *amém*, das relações virtuais para as encarnadas, não ficar nas redes sociais digitais, mas levá-las para as comunidades cristãs concretas, onde a fé é vivida e celebrada, porque testemunhar é diferente de ser um influenciador. Vem a este propósito referir o que o documento *Rumo à presença plena*, do Dicastério para a Comunicação, sublinha quando diz que a promoção do sentido de comunidade *online* implica a atenção a valores partilhados, experiências, esperanças, tristezas, alegrias, humor e até acontecimentos pitorescos. A nossa criatividade só pode, portanto, ser um resultado da verdadeira comunhão: não é tanto a realização de um especial desempenho pessoal, por muito competente que seja, mas antes o fruto de uma grande amizade⁵¹.

Referências

AMORIM CAMINADA, Thiago. Reflexão pastoral sobre as redes sociais digitais e a centralidade da Cultura do Encontro para o Magistério do Papa Francisco. *Teocomunicação*, v. 53, n. 1, p. e44955, 2023.

ANDOK, Mónica. Religious Filter Bubbles on Digital Public Sphere. *Religions*, v. 14, n. 11, p. 1359, 2023.

CARR, Nicholas G. *The Big Switch: Rewiring the World, from Edison to Google*. New York; London: Norton & Company, 2008.

CARR, Nicholas G. *The shallows: What the Internet is doing to our brains*. New York; London: Norton & Company, 2010.

DEBRAY, Régis. *L'enseignement du fait religieux dans l'école laïque - Ministère de l'Éducation nationale*. Disponível em: <http://www.education.gouv.fr/cid2025/l-enseignement-du-fait-religieux-dans-l-ecole-laique.html>. Acesso em: 27 abr. 2011. Citation Key: Debray.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena: Uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*. Vatican.va. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 30 mai. 2023.

⁵⁰ Cf. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, *Rumo à presença plena: Uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*, parag. 51.

⁵¹ Cf. *Ibid.*, parag. 68.

FISICHELLA, Rino; PONTIFICIO CONSIGLIO PER LA PROMOZIONE DELLA NUOVA EVANGELIZZAZIONE. Guida alla lettura. In: *Direttorio per la Catechesi*. Milano: San Paolo, 2020, p. 5–38.

FLORIDI, Luciano (Org.). *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*. 1st ed. 2015. Cham: Springer International Publishing, 2015.

FRANCISCO. Adhortatio Apostolicae Postsynodalis Christus vivit. *Acta Apostolicae Sedis*, v. 111, n. 4, p. 391–476, 2019.

FRANCISCUS. Litterae Encyclicae Laudato Si'. *Acta Apostolicae Sedis*, v. 107, n. 9, p. 847–945, 2015.

FRANCISCUS. Litterae Encyclicae Lumen Fidei. *Acta Apostolicae Sedis*, v. 105, p. 1019–1137, 2013.

HEBB, Donald O. *The organization of behavior: a neuropsychological theory*. New York: Routledge, 2012.

INNOCENTI, Giorgio M. Defining neuroplasticity. In: QUARTARONE, Angelo; GHILARDI, Maria Felice; BOLLER, François (Orgs.). *Handbook of Clinical Neurology*. Cambridge: Elsevier, 2022, v. 184, p. 3–18. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/B9780128194102000011>. Acesso em: 16 mai. 2024.

IOANNES PAULUS II. Il rapido sviluppo. *Acta Apostolicae Sedis*, v. 97, n. 3, p. 266–274, 2005.

JOÃO PAULO II. XXXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2002 – “Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho”», *L'Osservatore Romano*, 26 de janeiro de 2002. p. 43, 2002.

LÉVY, Pierre. *¿Qué es lo virtual?* Barcelona: Paidós, 1998.

MCLUHAN, Marshall. *The medium is the message: An inventory of effects*. Berkeley, CA: Gingko Press, 2001.

MESHI, Dar; TAMIR, Diana I.; HEEKEREN, Hauke R. The Emerging Neuroscience of Social Media. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 19, n. 12, p. 771–782, 2015.

MINEIRO, Ana. Visitando a linguagem enquanto capacidade cognitiva inscrita na evolução do Homem. *Cadernos de Saúde*, v. 9, p. 5–14, 2017.

PARSONS, Thomas D. *Clinical Neuropsychology and Technology: What's New and How We Can Use It*. Cham: Springer International Publishing, 2016. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-3-319-31075-6>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PARSONS, Thomas D. *Cyberpsychology and the Brain: The Interaction of Neuroscience and Affective Computing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781316151204/type/book>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PARSONS, Thomas D.; LIN, Lin; COCKERHAM, Deborah (Orgs.). *Mind, Brain and Technology: Learning in the Age of Emerging Technologies*. Cham: Springer International Publishing, 2019. (Educational Communications and Technology: Issues and Innovations). Disponível em: <https://link.springer.com/10.1007/978-3-030-02631-8>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PAULUK, Marcel. Um novo olhar sobre a escrita: a contribuição das ciências cognitivas e da semiótica para o desenvolvimento de uma ciência da escrita. *Ciência & Cognição*, v. 2, p. 2–20, .

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Ética na Internet. *L'Osservatore Romano*, 23 de março de 2002. p. 138–140, 2002.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Igreja e Internet. *L'Osservatore Romano*, 16 de março de 2002. p. 126–128, 2002.

PONTIFICIO CONSIGLIO PROMOZIONE NUOVA EVANGELIZZAZIONE. *Direttorio per la Catechesi*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

PREDOTI, Rocco. *Identità dell'uomo digitale: Antropologia del linguaggio digitale e implicazioni catechetiche*. Assisi: Citadella Editrice, 2022.

PREDOTI, Rocco. L'universo dell'umano digitale. Annuncio apofatico ed epifania del kerygma. *Ephata*, v. 5, n. 1, p. 51–74, 2023.

REAL ÁLVAREZ, Francisco Javier. *Redes sociales y experiencia relacional: Una propuesta de cibermoral basada en la comunión*. Città del Vaticano: Lateran University Press; Editiones Academiae Alfonsianae, 2022.

RODRIGUES, Luís M. Figueiredo. A educação cristã na Web. Uma reflexão teológico-prática. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 76, n. 304, p. 875–889, 2018.

RODRIGUES, Luís M. Figueiredo. Evangelização e novas tecnologias. *Theologica*, v. 46, n. 2, p. 289–328, 2011.

RODRIGUES, Luís M. Figueiredo. *O digital no serviço da fé: Formar para uma oportunidade*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016.

RODRIGUES, Luís M. Figueiredo; COSTA, Manuel Queirós da; GONÇALVES, Vasco António da Cruz. Do Digital ao Litúrgico, para tocar o Mistério. In: PINTO, Santiago Aránguiz (Org.). *Encuentro Iberoamericano de Catequetas 2020*. Providencia: Ediciones Universidad Finis Terrae, 2020, p. 142–150. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1jsZwnOjuBvmH78SN22i7fzvMmnFA-Vvq/view?usp=sharing>.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis Gaudium et Spes. *Acta Apostolicae Sedis*, v. 58, n. 15, p. 1025–1120, 1966.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. Contitutio Dogmatica de Divina Relelatione Dei Verbum. *Acta Apostolicae Sedis*, v. 58, p. 817–836, 1966.

SHARMA, Meghna; SINGH, Bijender. Human Behaviour in Digital Bubble: Relationship between Mobile Phone Dependency and Disruptive Behaviour among Teens. *Indian Journal of Health & Wellbeing*, v. 14, n. 2, p. 248–251, 2023.

SIEMENS, George. *Knowing knowledge*. Winnipeg, Manitoba: G. Siemens, 2006.

SPADARO, Antonio. *WEB 2.0. Redes Sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.

TONIONI, Federico. *Psicopatologia web-mediata*. Milano: Springer, 2013.

WYROSTKIEWICZ, Michal; PETRO, Marek; WCISEŁ, Wojciech; et al. The Catholic Church in the Digital Age: Theory – Practice – Perspectives. *Journal for the Study of Religions and Ideologies*, v. 23, n. 67, p. 44–58, 2024.

Artigo recebido em 21/05/2024 e aprovado para publicação em 14/06/2024

Como citar:

RODRIGUES, Luís M. Figueiredo. A transformação antropológica e a educação da fé: a amizade como critério de autenticidade. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 103-120, jan./jun. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i45-2024-6>